

POESIA E CAUSOS DE ZÉ AFONSO DA SILVA

Cláudio Araújo Pinho

O Direito Constitucional está de luto com a passagem de José Afonso da Silva no último dia 25 de novembro. Aos familiares, principalmente os seus três filhos e para todos os amigos que tiveram o privilégio de compartilhar *causos* e histórias com Zé Afonso (como gostava de ser chamado), desejo que estas palavras sirvam como um abraço com aconchego.

Sobre José Afonso da Silva, o doutrinador, têm vários tópicos da doutrina dele focados para o Setor de Energia descritos no meu livro “*Direito Brasileiro do Petróleo em Transição Energética*” que será lançado em 2026. O primeiro livro publicado do Pré-Sal (“*Pré-Sal – Doutrina e Comentários às Leis*”), que publiquei em 2010, foi inclusive um impulso dele para que eu escrevesse como coloquei na apresentação daquele livro à época.

Assim nem preciso falar o que ele representa para nosso país e da sua importância para a Constituição Federal de 1988 como jurista, pois disso se encarregarão outros que saberão falar melhor do que eu. Prefiro contar alguns *causos* de Zé Afonso e confessar minha suspeição.

Na grandeza humildade, generosidade e simplicidade também no trato

Zé Afonso sempre sentava na primeira fileira nas palestras e congressos que ia. De tanto observá-lo pensei: *Se ele que é um monstro sagrado se senta na frente, quem sou eu pra ficar no meio ou no fundo*. Isso passou a ser um hábito meu que eu mantenho até hoje.

Certo dia dando uma palestra num evento acadêmico, lá estava Zé Afonso na primeira fileira. Conteí essa mesma história das minhas observações sobre ele. Ele se levanta, pega um microfone que estava na plateia, e com o discreto sorriso que ele tinha me interrompe e diz: “*Cláudio, você observou errado nesses últimos 20 anos. Eu só sento na frente porque não escuto direito...*”. Gargalhada geral. Ele tinha um senso de humor rápido e refinado!!

Mais uma: Quanto Aprobato Machado era Presidente do Conselho Federal da OAB a Comissão de Direito Constitucional era presidida pelo Professor Paulo Lopo Saraiva do Rio Grande do Norte e tinha entre seus membros José Afonso da Silva, Marcelo Cerqueira, Carmen Lúcia Antunes Rocha e Paulo Bonavides dentre tantos outros nomes. No final de uma reunião chega uma turba de uns vinte estudantes de direito do Ceará e pedem para bater foto com o Professor Paulo Bonavides. Um dos estudantes se vira para Zé Afonso

e pergunta se ele podia bater as fotos. Meio sem dominar a tecnologia ele começou a sessão de fotos. Perto da quinta foto eu me dirigi aos estudantes e disse essas fotos serão de muito valor porque o Professor Paulo Bonavides era uma referência e o fotógrafo era o Zé Afonso!!! Os alunos num meio de espanto por não terem reconhecido Professor José Afonso, fizeram uma festa com ele, pediram tantas outras fotos e eu fiquei de fotógrafo.

Mais outra: Uma vez eu tinha um caso muito difícil e pouco trivial no Supremo Tribunal Federal e uma vez montada a estratégia liguei pra ele. Discutimos o caso com vagar e ao final ele também tinha dúvidas se a estratégia desenvolvida seria a melhor, mas concordou que era a única possível. Nos despedimos e ele desligou. Dá uma meia hora ele me liga de volta e diz: *“Se der certo essas medidas depois você me conta como foi o percurso e o resultado?!”*

Assim era Zé Afonso.

O dicionário alemão

Quando no final da faculdade de direito resolvi fazer letras na UERJ (português-alemão) o diretor da Faculdade era Luiz Machado, professor famoso por ter escrito o primeiro dicionário de termos jurídicos em alemão e seu significado em português (Pequeno Dicionário Jurídico Alemão Português, de 1981). Na época (anos 90) fui comunicado pelo professor de letras que ele tinha escrito um dicionário, mas que estava esgotado e que não tinha como adquiri-lo e mesmo em sebos era difícil.

Uns oito anos depois eu fui o sebo da Editora Forense em Belo Horizonte e vi uns vinte dicionários do Professor Luiz Machado novinhos num canto de uma estante. Perguntei o quanto era e o vendedor disse que custava R\$2,00. Ponderei que se ele fizesse por um real eu levava todos. E assim foi feito. Como eu sabia que era raro conseguir aquele dicionário estipulei que daria um dicionário para quem eu soubesse que falava alemão. Fernando Fragoso e Lênio Streck foram dois amigos pra quem dei o dicionário.

Contei essa história para o Zé Afonso e ele me contou que Virgílio, seu filho, estava estudando na Alemanha e que ele mandaria pra ele. Fiz uma dedicatória para o Virgílio e mandei por Zé Afonso.

Mais tantos outros anos se passaram, quando conheci pessoalmente Virgílio, já de volta ao Brasil. Questionei se o dicionário tinha ajudado nos estudos que ouvi *“qual dicionário (?)”*... Comente com Zé Afonso e ele: *“Achei tão bom o dicionário que pensei que o dicionário ficaria melhor comigo.”*

A viola caipira

Mineiro de Pompéu, no Norte de Minas, Zé Afonso tocava viola caipira na Orquestra Paulistana de Viola Caipira. Na época do que vou contar eu morava em Belo Horizonte.

Zé Afonso mandou fazer uma segunda viola caipira num Luthier localizado na cidade de Sabará, na Região Metropolitana de Belo Horizonte. Um belo dia ele me liga e pede um favor: *“Mandei fazer uma segunda viola caipira que nem tenho coragem de dizer o quanto paguei, vou contar lá em casa que foi você que me deu de presente. Se um dia alguém lhe perguntar você confirma!”*

Segredo guardado! Ao menos até agora!

Zé Afonso, o moço

Fosse quando perguntavam quantos anos tinha ou nas ocasiões de aniversário, Zé Afonso recitava de cabeça (e o fez em várias oportunidades) o poema “O Moço” de Moacyr Sacramento:

*Não me perguntem quantos anos tenho;
e sim,
quantas cartas mandei e recebi.
Se mais jovem, se mais velho... o que importa,
se ainda sou um fervilhar de sonhos,
se não carrego o fardo da esperança morta !*

*Não me perguntem quantos anos tenho;
e sim,
quantos beijos troquei - Beijos de amor!
Se a juventude em mim ainda é festa,
se aproveito de tudo a cada instante
e se bebo da taça gota a gota...
Ora! Então pouco se me dá que gota resta!*

*Não me perguntem quantos anos tenho:
mas...
queiram saber de mim se criei filhos,
queiram saber de mim que obras eu fiz,
queiram saber de mim que amigos tenho
e se a alguém, pude eu, tornar feliz.*

*Não me perguntem quantos anos tenho
mas...
queiram saber de mim que livros li,
queiram saber de mim por onde andei,
queiram saber de mim quantas histórias,
quantos versos ouvi, quantos cantei.*

*E assim, somente assim, todos vocês,
por mais brancos que estejam meus cabelos,
por mais rugas que vejam no meu rosto,
terão vontade de chamar-me: O MOÇO !
E ao me verem passar aqui... ali...
não saberão ao certo a minha idade,
mas saberão, por certo, que eu vivi !*

E assim nos despedimos dele.

Vamos ficar com saudades Zé!

Rio de Janeiro, 26 de novembro de 2025.



No IAB junto com Luiz Vianna e José Afonso